

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**Departamento de Ciências Sociais**

**Bacharelado em Ciências Sociais**

Anna Gabriela Martins de Arruda Pedreira Ramos

**ATIVISMO ANTI-GORDOFOBIA EM PERNAMBUCO:  
RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PESSOAS GORDAS**

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof<sup>o</sup>. Dr. Aristeu Portela Jr.

RECIFE  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R175a Ramos, Anna Gabriela Martins de Arruda Pedreira  
Ativismo anti-gordofobia em Pernambuco: reconstrução identitária de pessoas gordas / Anna Gabriela Martins de Arruda Pedreira Ramos. - 2021.  
30 f.

Orientador: Aristeu Portela .  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2021.

1. Gordofobia. 2. Estigma. 3. Identidade. 4. Ativismo. I. , Aristeu Portela, orient. II. Título

CDD 300

---

Anna Gabriela Martins de Arruda Pedreira Ramos

**ATIVISMO ANTI-GORDOFOBIA EM PERNAMBUCO:  
RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PESSOAS GORDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2021, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior, Orientador

Nota \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Afonso Barbosa de Brito (DECISO/UFRPE)

Nota \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário De Fátima Andrade Leitão (DECISO/UFRPE)

Nota \_\_\_\_\_

## ATIVISMO ANTI-GORDOFOBIA EM PERNAMBUCO: RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PESSOAS GORDAS

### Resumo

A pesquisa se propõe a investigar as dinâmicas usadas para construção de uma nova identidade de pessoas gordas a partir da atuação dos grupos ativistas *Sou Plus PE* e *Gorda Sim*, situados no estado de Pernambuco, através de entrevistas semi-estruturadas com as fundadoras destes coletivos. Para isso, se faz uma rápida retomada histórica da construção da imagem do sujeito gordo até os dias atuais, passando pelo debate da beleza, da estigmatização do corpo gordo, ciberativismo, ativismo em rede, identidades, além de citar sobre os progressos do ativismo gordo no âmbito político no estado.

**Palavras-chave:** Gordofobia. Estigma. Identidade. Ativismo.

## ANTI FATPHOBIA ACTIVISM IN PERNAMBUCO: IDENTITY RECONSTRUCTION OF FAT PEOPLE

### Abstract

The research proposes to investigate the dynamics used to construct a new identity for fat people based on the action of the activist groups *Sou Plus PE* and *Gorda Sim*, located in the state of Pernambuco, through semi-structured interviews with the founders of these groups. For that, a quick historical review is made about the construction of the image of the fat subject until today, going through debate of beauty, stigmatization of the fat body, cyberactivism, network activism, identities, besides to quoting about the progress of fat activism agenda in the political arena in the state.

**Keywords:** Fatphobia. Stigma. Identity. Activism.

## 1. INTRODUÇÃO

O debate do trabalho gira em torno da gordofobia e do ativismo gordo e, mais precisamente, objetiva analisar como acontece a reconstrução da identidade de pessoas gordas dentro dessa perspectiva. Divide-se em cinco partes e discute questões como padronização dos corpos, estigma, beleza, empoderamento e ativismo. Como uma pesquisa de caráter exploratório, se utiliza de entrevistas semi-estruturadas e se abstém de uma seção unicamente teórica: o debate teórico é feito durante o trabalho e principalmente dialogando diretamente com a fala das entrevistadas já na sessão de análise.

As modificações que ocorreram durante o tempo na forma como as pessoas vivem, se relacionam umas com as outras e consigo mesmas foram bastante profundas, deixando as relações, de certa forma, incertas. A modernidade sofre com uma crise de significações e valores e faz do corpo um dos principais campos de afirmação identitária, tornando-o ferramenta de conexão e diferenciação entre grupos sociais. Para David Le Breton (2006):

No final dos anos 1960 a crise da legitimidade das modalidades físicas da relação do homem com os outros e com o mundo amplia-se consideravelmente com o feminismo,

a “revolução sexual”, a expressão corporal, o *body-art*, a crítica do esporte, a emergência de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de se associar somente ao corpo, etc. Um novo imaginário do corpo, luxuriante, invade a sociedade, nenhuma região da prática social sai ileso das reivindicações que se desenvolvem na crítica da condição corporal dos atores. (p. 9)

Para as sociedades ocidentais, a visão oficial do corpo é representada pelo conhecimento biomédico, pela anatomofisiologia e repousa sobre uma concepção particular de pessoa. Porém, o corpo vai além de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. Se trata de uma estrutura simbólica. Então, o conhecimento biomédico oficial das sociedades ocidentais é apenas uma das diversas representações do corpo e é eficaz apenas para as práticas que sustenta.

Para Guacira Lopes Louro (2008), os diferentes modos de ser dos atores sociais são fatores que se constroem com o tempo e experiências que lhe são ensinadas e reiteradas. O ser é cultural e instituições sociais tais como família, escola, igreja, medicina acabam por constituir potentes pedagogias culturais juntamente com os meios de comunicação de massas (televisão, rádio, jornais, revistas, internet), já que a modernidade trouxe “especialistas” que nos ditam como ser, o que e qual número vestir, o que comer, o que ouvir e como se portar. Segundo a autora: “Somos todos os dias mergulhados em seus conselhos e ordens, controlados por seus mecanismos e sofremos suas censuras.” (p. 18)

Dentre tantas regras a serem seguidas pelos sujeitos na contemporaneidade, existe uma em particular que condiciona as pessoas de forma a trazer consequências físicas e mentais: a busca pela beleza estética e corporal, o padrão estético. Segundo Russo (2005), é por meio da indústria cultural que os meios de comunicação de massas encarregam-se de criar desejos e reforçar imagens padronizando corpos. As pessoas aprendem a julgar seus corpos através da interação com o ambiente a sua volta, sendo assim, a sua autoimagem é desenvolvida e reavaliada pelo resto da vida. Desta maneira, as necessidades de ordem social acabam por ofuscar as de ordem individual. Isto resulta em uma pressão por atingir, seja em qual circunstância for, o corpo ideal para determinada cultura. A supervalorização de uma padronizada beleza estética, a intensa busca de atender modelos inatingíveis além de favorecer a lógica consumista, em nível social, causa a estigmatização do diferente e conseqüentemente sua discriminação.

Mas para falar de discriminação é necessário compreender a sutileza do embate cultural e como se constrói e reconstrói a noção de normalidade e da diferença em determinado contexto

cultural, que no caso do Brasil consiste na fase que corresponde ao bombardeio do mercado com produtos e serviços relacionados a saúde e a construção de um corpo hipertrofiado<sup>1</sup>.

De acordo com Louro (2008), a norma é um princípio de comparação, tem relação com o poder, mas não se dá pelo uso da força, mas pela lógica. Não emana de um único lugar, mas está em toda parte e expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, onde inevitavelmente se naturaliza. A diferença, por sua vez, só pode se constituir, só faz sentido em uma relação, ou seja, ela é atribuída a um sujeito quando relacionamos estes com outro sujeito tido como referência.

Neste trabalho, coube analisar a representação do ser gordo através dos olhares das coordenadoras de dois coletivos ativistas anti-gordofóbicos de denominação *Sou Plus PE* e *Gorda Sim*, situados na cidade de Recife/PE e Camaragibe/PE, respectivamente. Em específico, como se constrói os discursos e práticas desses coletivos em prol de gerar uma identidade positiva do sujeito gordo para seus participantes e na sociedade. Dito isto, a questão a ser respondida por este trabalho é como se estrutura o engendramento de uma nova identidade do corpo gordo pelos coletivos anti-gordofóbicos *Sou Plus PE* e *Gorda Sim*

A hipótese desse trabalho é que a necessidade de integração das pessoas gordas na sociedade e da mudança de olhar para com a gordura corporal trouxe à tona o ativismo gordo, uma forma de organização em rede que consiste na luta cultural e política contra as diversas formas de preconceito e exclusão que esse grupo enfrenta. As pautas são construídas no sentido de incluir a população gorda na dinâmica social sem que esse grupo seja estigmatizado pelo seu corpo ou ridicularizado por não seguir padrões estéticos vigentes.

Para compreensão deste trabalho é preciso entender a corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico e objeto de imaginários e representações, pois todas as ações que fazem parte da vida cotidiana perpassam o corpo, seja pelas atividades perceptivas ou atribuições de significados. Segundo Breton (2006, p. 7): “Moldado pelo contexto social e cultural em que o autor se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. [...] Antes de qualquer coisa, a existência é corporal”.

Portanto, seja fornecendo ou recebendo informações o corpo produz sentidos que inserem o ser humano continuamente dentro de um certo espaço sociocultural. Dentro da perspectiva da sociologia do corpo que se propõe justamente a compreender corporeidade enquanto estrutura simbólica e assim destacar seus imaginários, representações, limites,

---

<sup>1</sup> Relatório Global da International Health, Racquet & Sportsclub Association (IHRSA): [http://download.ihrsa.org/brasil/MATERIA\\_DE\\_CAPA\\_DIRETO.pdf](http://download.ihrsa.org/brasil/MATERIA_DE_CAPA_DIRETO.pdf)

desempenhos que são infinitos quando se trata de sociedades diferentes, pretende-se contribuir para o estudo sobre o grupo gordo no Brasil contemporâneo.

## 2. PONTUAÇÕES SOBRE GORDOFOBIA

Para compreender melhor o que significa gordofobia, Natália Fonseca de Abreu Rangel trouxe à tona a fala de Jarid Arraes, feminista, colunista e cordelista:

A gordofobia é uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. As atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas. (RANGEL, 2017b, p. 19)

A autora descreve gordofobia como sendo “utilizada para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural que atinge as pessoas gordas na sociedade” (RANGEL, 2018, p. 1). E ainda segundo Rangel “entende-se por opressão estrutural a opressão/exclusão sustentada em grandes âmbitos da sociedade civil como saúde, mercado de trabalho, vestuário e acessibilidade” (RANGEL, 2018, p. 1)

As conceituações acerca do tema coincidem nos pontos em que se entende gordofobia como a aversão ao corpo gordo, podendo se manifestar de diversas formas. Uma pressão estética gordofóbica é aquela que impõe aos indivíduos um padrão de beleza que repudie a gordura e o corpo gordo. Esta pode se encontrar mais presente em algumas culturas do que em outras.

Para uma melhor compreensão deste trabalho também se faz necessário entender a origem da pressão estética gordofóbica através da história. De acordo com Ligia Lana (2012), a Idade Média é a época em que a gordura corporal é prestigiada. A escassez de alimentos, que ocorreu pela dificuldade de distribuição e estocagem, motivou a criação de mitos de fartura. O glutão antigo é assim celebrado por sua saúde e seu vigor e as sanções são dirigidas apenas aos excessos e ao corpo disforme das pessoas que são “gordas demais”.

A segunda parte do livro abrange personagens que devido ao volume do corpo se envolvem em situações ridículas pois são incapazes de realizar atividades comuns.

A preguiça, a inutilidade e a indolência são alguns dos conjuntos de características estigmatizadas no registro dos corpos, que passa a valorizar traços mais magros. Em 1528, por exemplo, a palavra “leve” aparece como qualidade esperada[...] (LANA, 2011, p.188)

Regimes e fórmulas para redução de peso passam a ser registrados a partir dos séculos XVI e XVII, inclusive com a adoção de corseletes para contrair a gordura e diminuir as curvas.

Na era do Iluminismo o corpo gordo é visto como impotente e os cientistas já procuram formas para medir o peso.

Estigmatiza-se a ineficiência do corpo gordo: a palavra “obesidade” como uma patologia humana começa a ser usada com mais frequência e a gordura corporal se torna um empecilho à experiência no mundo – questão vista de maneira negativa, já que a época valoriza o empirismo. (LANA, 2011, p. 188)

A negatização do corpo gordo foi sendo consolidado em meados do século XVIII como resultado do avanço da medicina, da fisiologia e da química. A gordura passa a ser vista como um perigo no século XIX e catalogada pela medicina em diferentes graus (vide a questão do índice de Massa Corporal)<sup>2</sup>, relacionando-o a várias doenças. E a preocupação com as medidas acaba fazendo surgir um “olhar medidor” que se torna mais vigilante e banaliza-se no século XX.

Neste mesmo século, segundo Lana (2011), o gordo torna-se um fenômeno social e aquilo que antes se apresentava como algo esquisito, agora torna-se uma preocupação cotidiana. As comparações de tipos físicos surgem e fortalecem mais ainda a ideia de gordura como questão a ser resolvida clinicamente. Nessa mesma linha de pensamento, entende-se que a preocupação em emagrecer e manter-se magro custe o que custar reforça o estigma do gordo.

A exacerbação, reprodução e legitimação desse preconceito podem se dar de várias formas e níveis: seja propagando um padrão estético e saudável unicamente magro ou hipertrofiado em meios de comunicação de massas e marketing de empresas; na medicina, projetando cidades, espaços, móveis, vestuários onde não caiba um corpo gordo; na educação dada a crianças tanto em casa quanto nas escolas e assim por diante. Todos os instrumentos que moldam o imaginário social podem ser usados para perpetuação de vários tipos de preconceito, inclusive o estético/corporal.

A forma de lidar com a gordura corporal em excesso, de si e do outro, é algo que chama atenção pela proporção com que o preconceito se instalou nas estruturas, nas mentes e nas vivências. O corpo gordo causa um mal estar nas pessoas porque as mentes estão impregnadas de pré-conceitos, de estigmas e discriminações que trazem consigo a ideia de desleixo, preguiça e falta de saúde. Por outro lado, o corpo magro e/ou com músculos definidos é tido como referência de beleza e felicidade, diminuindo, ridicularizando ou ainda exterminando outras formas de corporeidade da dinâmica social.

---

<sup>2</sup> Método de classificação amplamente questionado por parte de ativistas gordos, pois não mede acuradamente a quantidade de gordura, ou diferenças entre sexo e raça, visto que não é capaz de separar gordura e músculo. Torna-se contraditório à medida que pessoas obesas se apresentam metabolicamente saudáveis enquanto que pessoas tidas como saudáveis pelo IMC, não. (RANGEL, 2017b)



Para o presente trabalho tornou-se necessário compreender o ativismo gordo como base que sustentará o todo. Não cabe a este trabalho identificar as razões pelas quais as pessoas são gordas, mas praticar a reflexão sobre a exclusão dessas pessoas da dinâmica social cotidiana, resultado de um preconceito cultural e conseqüentemente estrutural e institucionalizado.

A discussão da gordofobia e do ativismo gordo vai além do nível da auto-aceitação, por enxergar que esse tipo de preconceito está impregnado nas estruturas sociais e apesar do auto-amor ser válido dentro de cada corporeidade, só isso não é suficiente para mudar politicamente o ambiente ao redor, ou seja, as pautas precisam ser coletivas e objetivar atingir todas as pessoas, gordas e não gordas.

Os coletivos em pauta neste trabalho fazem uso das ferramentas disponíveis para perpetuação da causa e o espaço cibernético se torna palco central para discussões e conscientização de fatores que respaldam a vida dos atores sociais contemporâneos sejam pelas redes sociais, fóruns, blogs, vídeos e outros aparatos da internet que possuem amplo alcance. Mas para além, os coletivos organizam eventos e reuniões a fim de criar discussões dentro do grupo e conscientizar a população em geral sobre suas reivindicações.

Este trabalho justifica-se partindo do pressuposto que para realizar qualquer tipo de pesquisa, o pesquisador precisa ter no mínimo alguma afinidade com o tema que pretende estudar e as circunstâncias não se diferem neste. Gordofobia esteve e está presente na minha vida, assim como o interesse sobre temas tangentes a desigualdades, estigmatização, preconceitos e formas de resistência. Enxergo como sendo essencial à vida humana estudos e ações voltadas à resistência contra intolerâncias de qualquer tipo. O tema escolhido para este trabalho vem da minha percepção de mundo enquanto vítima de gordofobia.

Porém, a gordofobia, para além de estar presente na minha vida, está presente na dinâmica social de milhares de pessoas no Brasil e ao redor do mundo. Só no país, segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope), a gordofobia está presente na rotina de 92% dos cidadãos<sup>3</sup>, seja executando ou sofrendo. Ainda segundo o Ibope, na última Pesquisa Nacional de Saúde<sup>4</sup> divulgada em outubro de 2020, mais de 61% da população é gorda. Em nível mundial, estimativas sugerem que quase 2,3 bilhões de crianças e adultos são gordos.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup><https://tinyurl.com/w8axfnxs>

<sup>4</sup> <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>

<sup>5</sup> <https://news.un.org/pt/story/2019/12/1698021>

Há uma necessidade pulsante de olhar mais de perto, estudar, analisar a realidade do grupo de gordos e gordas que vem crescendo no país, assim como contribuir para a bibliografia sobre o assunto, que se encontra ainda escassa pelas universidades.

Na cidade do Recife, no dia 9 de junho de 2021 a Câmara Municipal promoveu uma audiência pública virtual com o propósito de discutir os impactos da gordofobia e propor políticas públicas efetivas e combativas.<sup>6</sup> Entre diálogos com representantes de movimentos, coletivos antigordofóbicos e estudiosos foram discutidos os projetos de lei ordinária da vereadora Cida Pedrosa: PLO 37/2012 propõe que o município do Recife ofereça carteiras escolares adequadas para quem está acima do peso. O PLO 36/2001 estabelece medidas para serviços de saúde para assegurar assistência adequada e acessível, livre de práticas gordofóbicas e o PLO 35/2021, que institui o Dia Municipal de Luta contra a Gordofobia no Recife em 10 de setembro. Estes, portanto, visam melhorar a vida das pessoas gordas assim como conscientizar a população sobre o assunto.

Analisar a gordofobia e as conseqüentes formas de resistência é uma oportunidade de entender e questionar as formas de naturalização de violências e discriminações que estão entranhadas em concepções e práticas sociais.

### **3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

Ao contrário da pesquisa quantitativa que lida com números e usa modelos estatísticos através da aplicação de inúmeros questionários a fim de explicar dados, a pesquisa qualitativa lida com interpretações das realidades sociais, isso a torna principal ferramenta para a construção do que se pretende obter com essa pesquisa. Para melhor compreensão do problema proposto, é preferível uma visão que busque um entendimento integral dos fenômenos, um processo de construção da pesquisa no sentido de incluir a definição e a revisão dos problemas, as teorias, coleta e análise dos dados, também como a exposição dos resultados de acordo com a realidade social estudada.

Não se pretende, contudo, desenvolver grandes generalizações, pois a pesquisa qualitativa, segundo Uwe Flick:

Demonstra a variedade de perspectivas sobre [...] o objeto, partindo dos significados sociais e subjetivos a ele relacionados. Pesquisadores qualitativos estudam o conhecimento e as práticas dos participantes. Analisam as interações [...] e as formas de lidar em um campo específico. As inter-relações são descritas no contexto concreto do caso e explicadas em relação a este. A pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados. (2009, p.24)

---

<sup>6</sup> <https://tinyurl.com/2kn4xdvc>

Como uma pesquisa exploratória, tem objetivo de fazer uma reconstrução de trajetórias individuais através da coleta de narrativas como meio de resgatar o ponto de vista dos agentes sociais, principalmente estigmatizados nos sistemas de dominação, sobre seus valores, opiniões, sentimentos, experiências e interpretação sobre o mundo que estão inseridos.

Quanto à técnica de levantamento e coleta de dados principal utilizou-se a entrevista semiestruturada, a escolha delimita-se ao fato de ser uma técnica que fornece dados primordiais e básicos para o entendimento da relação entre os atores sociais e seu mundo. Torna-se indispensável à esta pesquisa a compreensão sobre crenças, valores, atitudes e motivações dos sujeitos sociais em seus contextos específicos.

Tendo em vista a necessidade da delimitação de tempo, espaço e sujeitos ou objetos para realização de uma pesquisa, pretende-se lidar com a realidade atual de dois grupos ativistas do movimento contra gordofobia, um situado na cidade do Recife (*Sou Plus PE*) e outro em Camaragibe (*Gorda Sim*), ambos no estado de Pernambuco, tendo como principal fonte de coleta de dados a voz e experiência das fundadoras dos respectivos grupos.

O primeiro contato estabelecido foi com o coletivo *Sou Plus PE* em outubro de 2019 através da rede social Instagram, onde foi marcada uma reunião física no Shopping Tacaruna, situado na Zona Norte do Recife, no dia 12 de outubro de 2019 com a fundadora para explicar os direcionamentos da pesquisa e conhecer um pouco mais sobre o movimento. O áudio deste encontro foi gravado com devido consentimento e o encontro durou cerca de 4 horas. Seguiram-se mais dois encontros, desta vez em eventos organizados pelo grupo: o primeiro uma sessão fotográfica para a campanha contra o câncer de próstata e em prol da saúde do homem, intitulada Novembro Azul, na Norte Jato, um lava-jato na Zona Norte da cidade do Recife; e o segundo um desfile de moda no dia 29 de outubro de 2019, organizado no Parque Dona Lindu, situado na Zona Sul da mesma cidade. Nos encontros foram utilizados a observação participante e o diário de campo, assim como conversas informais tanto com a fundadora como com algumas mulheres que participam do grupo.

O segundo contato foi com a fundadora do *Gorda Sim* em janeiro de 2021, também pela rede social Instagram; porém, não o início, mas o desenvolvimento deste trabalho se deu em meio a pandemia do Covid-19, sendo os encontros físicos suspensos pela necessidade de distanciamento social. Logo, foi necessário pensar em uma nova forma de dar continuidade e dinamicidade ao trabalho sem que se perdesse significativamente o potencial de exploração dos dados a serem obtidos. As entrevistas semi-estruturadas foram feitas por meio de videochamada no aplicativo Skype e gravadas com o devido consentimento das entrevistadas. Além disso, o

acompanhamento das redes sociais dos dois coletivos também ocorreu.

Ainda que esta fosse a única solução viável no momento, houve alguns percalços no caminho trilhado, tais como dificuldade na conexão e às vezes na comunicação. A suspensão dos eventos físicos dos respectivos coletivos e conseqüentemente a perda da possibilidade de dar continuidade à observação participante e ao diário de campo antes aplicado, dificultou assim a captação de dados mais detalhados sobre esses encontros. Porém, como o objetivo é alcançar os métodos usados para construção de uma nova identidade enquanto sujeito gordo, permanecer em diálogo com as duas pessoas que fundaram os coletivos e estão à frente quanto ao levantamento de questões, organização de eventos e palestras com profissionais e quanto à dinâmica do funcionamento do grupo em si, tornou-se uma escolha suficiente para o que o trabalho se propõe.

As entrevistas por vídeo chamada ocorreram respectivamente nos dias 21 de fevereiro de 2021, com a presidente do *Gorda Sim*, aqui caracterizada pela letra D., 26 anos, estudante de letras, mãe de 3 filhos; e 03 de março do mesmo ano com a coordenadora do *Sou Plus PE*, caracterizada pela letra J, mulher preta, formada em assistência social.

#### **4. AFIRMAÇÕES E VIVÊNCIAS**

As categorias de análise estabelecidas a seguir são escritas dialogando com a bagagem empírica e teórica do trabalho. Evoluem no sentido de primeiro traçar uma linha de reflexão de acordo com a vida de cada pesquisada a fim de saber como foi a construção da própria imagem enquanto pessoa gorda e as implicações e interdependência disso com a socialização; nomeia-se então a primeira categoria de reconhecimento identitário. A segunda categoria, ressignificação dos corpos, aprofunda a discussão entre pressão estética e gordofobia. Traz à luz a problematização sobre beleza e estigma e como estas questões são abordadas dentro dos coletivos estudados. A terceira e última categoria, intitulada de novas identidades e militâncias, correlaciona o surgimento dos coletivos e a necessidade destes grupos politizados, tais como suas formas de atuação, a dinâmica de funcionamento e a relação destes com pessoas dentro e fora do movimento.

##### **4.1 RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO**

É importante dentro do contexto deste trabalho entender identidade como processos identitários implicados por relações de poder que geram estratificação, hierarquização, localização e em alguns casos transgressão social. Segundo Ennes e Marcon:

[...] entendemos que a análise dos processos identitários não pode prescindir de sua dimensão política, pois esses, ao mesmo tempo, produzem diferença como expressão de direito, mas também (re)criam desigualdades e relações de subordinação e dominação. Portanto, as análises sobre identidades nos remetem a um processo de localização social, fruto de coerções e facilitador da ação social, o qual deve ser compreendido com base em contextos históricos e sociais, o que, para nós, depende da distribuição de poder entre os indivíduos e grupos, bem como das regras ou da moral e dos costumes que neles se fazem presentes. Os processos de localização social caracterizam-se, também, pela produção da diferença e do sentimento de pertencimento, de indivíduos e de grupos sociais, dando origem, em suas relações, às identificações. Essas relações são mediadas por fronteiras materiais ou simbólicas que funcionam como elementos definidores e demarcadores do eu/nós e do nós/outros. Tais fronteiras são socialmente construídas e são resignificadas em razão das mudanças dos contextos sociais e históricos [...]. (2014, p. 288-289)

A análise desses processos só é possível através da observação das relações sociais que nos permite caracterizar as formas pelas quais os sujeitos e grupos em interação constroem as fronteiras sociais. Dentro dos estudos sobre identidade é importante levar em consideração os atores, o que está em disputa, as normas, os discursos que permeiam as relações de poder e o contexto social no qual os grupos se inserem, portanto, a forma como elaboram seus entendimentos sobre si próprio e sobre os outros em condições específicas também.

Levando em consideração as últimas décadas, as esferas simbólicas e subjetivas tiveram uma maior legitimidade na análise social e os embates passaram a ocorrer ao redor da política de reconhecimento, expressão, visibilidade e da particularidade de demandas. No processo que Stuart Hall (2015) denomina como globalização há espaço tanto para a emergência e fragmentação de velhas e novas identidades, como uma maior formulação teórica em que a cultura e a subjetividade ganham mais destaque.

Dentro do que foi levantado nas entrevistas remotas ficou evidente que a construção da própria imagem é um processo contínuo que se dá por meio da relação não só com o núcleo familiar, mas também com as relações estabelecidas fora deste âmbito. Quando questionadas sobre essas relações já dentro do contexto da pressão estética e especificamente da gordofobia, nota-se que, desde tenra idade, ambas tiveram experiências problemáticas em relação a como o próprio corpo era interpretado e quanto à receptividade de terceiros.

A entrevistada D. relata ter passado por gordofobia médica ainda na infância, sendo acompanhada por endocrinologistas e nutricionistas:

[...] E aí ela passou uma dieta pra mim bem restritiva, eu lembro na época que estava entrando na pré-adolescência, questão da puberdade e tal, estava de 9 pra 10 anos e foi muito ruim. [...] Foi tirado da minha dieta tudo e eu ficava com muita fome, porque a comida era muito pouca. Eu fiquei anêmica, quase que eu morro por conta dessa dieta, foi bem ruim mesmo, mas era mais triste ainda porque eu estava doente, eu estava triste porque estava passando fome e a galera me tratava super bem [...] e eu vivia triste.

Ainda que seus exames não indicassem a necessidade de dietas restritivas e sua saúde estivesse em perfeito estado, isso não foi levado em consideração, adoecendo de fato uma pessoa que antes não era doente.

O bullying, ainda que o termo tenha sido usado recentemente para caracterizar situação de humilhação de um sujeito por um determinado grupo, foi constante na vida de J., que apesar de tentar demonstrar naturalidade a terceiros para lidar com essas questões, grande parte destas foram internalizadas e deixaram marcas negativas quanto à construção da autoimagem.

Aos 18 anos, J. lidou com problemas de saúde que a fizeram engordar uma média de 30kg em apenas um mês, perdeu roupas, sapatos, recebeu inúmeras críticas de pessoas próximas e acabou desenvolvendo compulsão alimentar devido ao estresse e à tristeza. Relata que se sentiu frustrada e deprimida, sofreu muito depois de perceber que estava realmente gorda porque desde pequena aprendeu a associar gordura com algo negativo. Quando questionada se se sentiu julgada, ela comenta:

Sim. Você está assim porque você é a culpada, você tá comendo muito, você tem que se controlar. A gordura veio não como um peso em si, mas como um peso mental. E lembro que os amigos da época, os amigos dele [namorado], até a família dele disse como essa menina está gorda. As palavras, os olhares começaram a mudar pra mim, as brincadeiras da infância que eu lutava pra passar por cima [...] voltou, mas agora eu não era mais criança e eles também não [...] até eu estruturar minha mente, dizer peraí, calma, não é assim, eu tenho que me entender, conhecer o que tá acontecendo. [...] Poxa, mas eu sou eu, meu braço aumentou, meu seio aumentou, [...] meu corpo mudou, mas eu sou a mesma, eu tenho que cuidar daqui [acena para a cabeça], porque parece que quando a pessoa engorda [...] as pessoas fazem de tudo para que à medida que seu corpo aumente sua mente diminua, porque você se sente pequeno. Quanto maior você é corporalmente é como você fosse menor, sabe, e a gente não pode aceitar isso.

J., depois de começar a ser olhada de lado novamente, passou a se sentir culpada, ainda que não tivesse culpa alguma por ter engordado, pois segundo ela mesma, a maioria das pessoas ao seu redor a culpou por estar assim e por enxergar a gordura como uma característica ruim, como uma coisa negativa, relacionada ao relaxamento, ao feio, ao obscuro e ao inaceitável.

Após adquirir certa maturidade e consciência de si, algumas relações mais próximas continuaram conflituosas para D., principalmente na família (primeira instituição na qual se apreende a vivência de hierarquização e poder). E quando questionada se dentro dessas relações também caberia a questão do machismo, cita:

Eu acho que sim, sabe? Essa pressão estética na verdade que tem na cabeça dele [pai] é de querer que a gente, tanto eu quanto a minha irmã, a gente fosse mais adequada ao padrão da sociedade que o machismo impõe. Que a mulher tem que ser magra, que a mulher tem que se vestir de tal tipo, ter o cabelo de tal jeito. [...] Mas eu sempre digo a ele “eu vou continuar sendo essa pessoa que eu sou.

Evidenciar a ligação entre gordofobia e machismo se faz necessária a partir do ponto em que dentro dos estudos feministas há a reflexão sobre a autonomia do corpo da mulher, assim como a pressão estética imposta a ela. Dentro dos campos interseccionais de estudos, se busca não anular uma opressão por outra e sim reconhecê-las dentro de suas especificidades de luta. Segundo Sonia E. Alvarez, essa reflexão é característica de um terceiro momento dentro do feminismo na América do Sul que ela intitula de: “*sidestreaming*, um fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil, e a resultante multiplicação de campos feministas.” (2014, p.17)

Rangel (2018) comenta que a questão da estigmatização da gordura corporal foi problematizada pelos ideais feministas, mas que é um tema que aparece geralmente enquanto pauta secundária dentro do movimento, pois outras opressões sofridas são tidas como prioritárias. Além disso existe a discussão dentro do próprio movimento feminista que questiona se ativismo gordo deveria realmente ser vinculado ao feminismo já que homens também sofrem, ainda que de uma forma diferente.

No que tange ao processo identitário, para Hall, o sujeito que antes tinha uma identidade unificada e estável passa a se tornar fragmentado, não mais assumindo uma, mas várias identidades nem sempre coerentes entre si. Isso acontece devido a transformações constantes na estrutura e nas instituições da sociedade, o que ele caracteriza como globalização.

As identidades que compunham as paisagens sociais lá fora e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura estão entrando em colapso como resultado de mudanças estruturais e institucionais. (2015, p. 11)

Ainda para o autor acima, à medida que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem toda a superfície da terra, há um desalocamento do sistema social que se caracteriza pela transformação do espaço-tempo, a extração das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas deste mesmo espaço-tempo.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano de extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana[...]. (GIDDENS apud. HALL, 2014, p.13)

A perspectiva de Ennes e Marcon (2014) traz quatro tópicos importantes para analisar processos identitários: em primeiro lugar, os atores interdependentes entre si (aqui, parcela do

todo representada por sujeitos gordos) evidenciam os marcadores sociais, ou seja, as características, inclusive físicas, que delimitam a ideia de pertencimento ou alteridade. São a forma elementar de expressão das relações sociais de poder e de disputa. A distribuição desse poder entre os sujeitos e as tramas de interdependência se dá de acordo com a relação entre essas pessoas dentro de um contexto específico. Essa questão traz à luz uma parte da fala de J. quando questionada sobre o que seria gordofobia para ela:

[...] então você vai crescendo escutando esse tipo de coisa dentro de casa, aí você sai e vai pra outro tipo de sociedade que é escola, outro tipo de escuta e cobrança, vai pra faculdade, vai pro curso, pro trabalho. E isso quando você encontra um trabalho que te aceite, porque o que tem na mente da sociedade que a pessoa gorda ela não se ama e então ela é incapaz. Isso é uma violência institucional.

Em segundo lugar, as disputas travadas implicam em uma relação de força na luta por algo simbólico, inclusive os processos de nomeação que também implicam classificação e hierarquização, além de significação moral e política dentro das relações sociais.

O que pode estar em disputa no contexto de identificação faz parte do entendimento coletivo sobre desigualdades no acesso a recursos ecológicos e econômicos, a honra, os meios de produção, as memórias sociais, os objetos de valor moral ou religioso, os prestígios, os territórios, os títulos sociais, entre outros. Tais disputas não são necessariamente caracterizadas pelas relações produtivas, mas envolvem questões de valores e crenças construídas coletivamente. (ENNES E MARCON, 2014, p.297-298)

Um exemplo simplório é a adoção e reprodução excessiva do termo “gorda”, por tempos usado de forma pejorativa, na intenção de tornar a palavra em um termo positivo, técnica comumente usada em outros movimentos sociais, principalmente o LGBTQIA+. Em contrapartida, a luta pela erradicação do termo “obesa” por estar associada à patologização de toda e qualquer pessoa gorda de acordo com a medicina.

Um terceiro tópico importante são as normas que norteiam as relações, sejam elas costumes, tradições, leis ou discursos. Importante destacar que essas normas e discursos que norteiam estruturas e instituições se sustentam, são produzidas nas e partir das relações de poder, portanto, os elementos estruturais são coercitivos e facilitadores da ação social. Nesse aspecto, pode-se pensar por exemplo, nas estruturas midiáticas como grandes reprodutores de normas sociais, dentre elas modelos a serem seguidos dentro da questão de representatividade. Quem detém o poder dos principais meios de comunicação do país? Quais são as pautas e as imagens frequentemente veiculadas à essas plataformas? Faz-se aqui alusão à discussão de Lopes (2008) presente no início do trabalho.

Durante as entrevistas realizadas esse também foi um ponto de reflexão quanto à representatividade do sujeito gordo. Ainda no começo da entrevista, D. pontua que:



Eles [os pais] também são gordos. Eu sempre achei minha mãe muito bonita, mas percebia que ela também passava pelo processo de não achar a roupa que queria, que as pessoas falavam muito sobre isso, encontravam ela e diziam: “nossa como você está gorda”, e eu ficava pensando porque que as pessoas tem que ficar falando isso pra ela? Em casa, no início, como eu não era tão gorda era ok. Mas depois meu pai falava muito sobre essa situação, falava muito sobre a questão do peso, que eu precisava perder e os familiares de fora, aderentes, sempre tocaram muito nessa tecla de que “ah, quando ela crescer ela vai emagrecer [...] leva ela no nutricionista”, como se fosse um defeito.

O último tópico, porém não menos importante, é o contexto. Os processos identitários são produtos e produtores de contextos histórico-sociais e estes são produzidos pela dinâmica de distribuição de poder e pelas normas que os norteiam. Os contextos de acordo com Ennes e Marcon (2014) participam da composição e redefinição das fronteiras e marcadores sociais/simbólicos. Essas, são socialmente construídas e constantemente ressignificadas.

A questão da diferença e do sentimento de pertencimento são produzidas em contextos em que os indivíduos ordenam suas ações a partir de outros indivíduos, relações essas de disputas mediadas por normas. Essa dinâmica é o que permite perceber os processos identitários como relações de poder pois nos permite enxergar as circunstâncias em que ocorrem essas interações, no que tange à liberdade e autonomia quanto às formas de coerção social dos sujeitos. Ainda segundo Ennes e Marcon:

No mundo da ambivalência, fluidez e descentramento, os contextos estão intimamente relacionados à produção de múltiplos e, muitas vezes, simultâneos vínculos sociais. Daí que o fato de existirem vários pertencimentos socialmente legitimados é uma marca do mundo contemporâneo. Esta dinâmica é bastante clara nos fluxos migratórios. Nesses casos, o pertencimento altera-se de acordo com o contexto. (2014, p. 299)

Trazendo para o contexto prático, as pessoas dos grupos estudados reconhecem-se enquanto pessoas gordas, mas isso não exclui as outras identidades presentes, tornando os coletivos extremamente plurais na questão de representatividade. Há consciência inclusive da interseccionalidade dessas identidades e do nível de opressão que cada uma enfrenta. Quando questionadas se acreditam que existem diferenças na luta antigordofóbica de pessoas com diferentes características de gênero, raça, socioeconômica, as respostas foram unanimemente afirmativas. J. comentou no que tange a diferenças de gênero que:

Existe e é escancarado. O homem gordo ele é aceitável, ele é respeitado, ele não é caçoado, quando se tira uma brincadeira, quando se começa a caçoar dele, automaticamente quem tá ali já justifica aquilo com “ele tem uma história, isso é vivência, isso foi curtidão, isso faz parte”, entende? Mas a mulher é tido como desleixo [...] a cobrança e a crueldade é bem maior, a mulher sofre muito mais com a gordofobia do que o homem. [...] O corpo da mulher é mais cobrado e é mais sofrido para nós passar por tudo isso.

D. comentou que em todas as discussões tem que ser levada em conta essas questões. É visível que mulheres gordas e negras vão sofrer mais que uma gorda e branca. Citou que em uma conversa com Bixarte, Bianca Manicongo, atriz, cantora, compositora, rapper, poetisa paraibana e estudante de ciências sociais na Universidade Federal da Paraíba, sobre um estudo que a mesma estava desenvolvendo, onde era possível identificar que visão da mulher gorda e preta estava atrelada à cozinha, elas não possuem outro papel que não seja o de ser cozinheira, lavadeira, damas de leite e procriadoras. Em suas palavras:

E claro, se for uma mulher gorda, preta e trans, a questão do sofrimento se torna muito mais complexa. Com certeza as questões de gênero, raciais e socioeconômicas estão atreladas. Lógico que pessoas ricas também sofrem gordofobia e pressão estética, mas até para o pobre ter acesso à saúde é complicado. Critica-se a alimentação do pobre por ser sempre incorreta, “comer muita besteira”, mas claro, não tem muito dinheiro, passa 8 horas trabalhando e 2 só pra chegar no trabalho, então a qualidade de vida do pobre é completamente esquecida, não tem como manter, é retirado do pobre a questão de saúde, não tem descanso, não tem alimentação saudável, mas se tivesse dinheiro poderia ter acesso a certas coisas que não tem. A pessoas gordas é negado direito de saúde porque sempre atrelam qualquer tipo de doença nossa porque é gordo mas pra outras pessoas tem o tratamento médico e nossa saúde é negligenciada, eu digo muito mais que as pessoas gordas morrem por negligência e por gordofobia do que só por serem pessoas gordas.

Entre homens e mulheres, D. continua:

A pressão estética em si, fora a gordofobia, ela é muito mais sobre as mulheres. Claro que existe sobre o homem, mas tem uma diferença. Quando você vê que uma mulher e um homem se casam, geralmente, ganham peso, o casal ganha peso, e todo mundo só vê muito mais o peso que a mulher ganha, todo mundo só vê mais se a mulher não está com o cabelo pintado. O cara está com o cabelo grisalho é charmoso, a mulher é desleixo. A pressão estética, com certeza, conseqüentemente a gordofobia também é muito mais em cima das mulheres. E o homem claro, só se ele for muito gordo, [...] os homens são mais aceitáveis como gordos apesar de também sofrerem.

## **4.2 RESSIGNIFICAÇÃO DOS CORPOS**

A pressão estética é um fenômeno social que se aplica a todas as pessoas, ainda que existam especificidades quanto à questão de gênero. Natália Rangel (2018) determina que para além de ser sofrido por todos, caracteriza-se pela pressão sofrida para que se encaixe no padrão de beleza vigente determinado pelos aspectos sócio-político-culturais de cada sociedade. Já a gordofobia é, então, um tipo de pressão estética e ela possui características específicas que atingem pessoas gordas independente do gênero. Caracteriza-se pela exclusão dessas pessoas de lugares públicos por causa de acessibilidade limitada (não caber em assentos ou pela falta de roupas), a patologização da pessoa gorda e a condenação moral de seus corpos e estilos de vida. (2018, p.60)

Ao ser pedida para descrever gordofobia, J. respondeu:

É outra nomenclatura que surgiu com o tempo. É muito cruel [...] porque é algo ruim que pode ser praticado em qualquer lugar, a qualquer momento e às vezes é tão sutil que a pessoa que sofre tá ali sofrendo e o abusador, o causador daquilo ali, pra ele, ele não está fazendo nada. E é uma dor que é vista até como frescura, como vitimismo, como “eu só falei a verdade” ou “eu só brinquei”, mas não se brinca com o corpo de ninguém, não se brinca com o físico de ninguém, porque não é só o físico em si quando a pessoa pratica a gordofobia que ela está realizando, ela está brincando com sentimentos, ela está mexendo em feridas antigas ou está ativando cicatrizes, ou está causando. E é muito triste saber quando a pessoa está praticando essa gordofobia e ela sabe o que ela está fazendo porque tem gente que sabe o que está fazendo, é uma pessoa esclarecida e ela usa de inferiorizar o corpo do outro para diminuir o outro, para reduzir a nada pra ele ficar ali insignificante e servir de chacota para os outros e aquela pessoa se sentir melhor, se sentir superior. É muito cruel. [...] Isso tira a vida, chega para mim no movimento algumas mulheres que já pensaram em tirar a vida. [...] Machuca tanto que as pessoas entram em depressão, ficam oprimidas e o estágio final de tudo isso é a morte física, tem pessoas que ficam se mutilando. Tem pessoas que não tem condições financeiras de fazer uma cirurgia, de ir para um SPA [...]. Tem pessoas que já pegaram faca, lâmina para diminuir partes do corpo. Então isso é a gordofobia, é o estágio da crueldade de um ser sobre o outro. [...] É muito difícil ter esse start dentro de cada ser humano, como é difícil fazer com o que o outro entenda que a nossa luta é fazer com que o gordo se ame como ele é, porque a maior revolução é essa. É a gente olhar para gente exatamente como a gente é, a gente olhar no espelho e se enxergar, olhar cada detalhe do nosso corpo, nos perceber, nos enxergar, nos respeitar, lutar contra toda uma construção, porque é uma luta [...] e começa dentro de casa. Então você vai crescendo escutando esse tipo de coisa dentro de casa, aí você sai e vai para outro tipo de sociedade que é escola, outro tipo de escuta e cobrança, vai para faculdade, vai para o curso, para o trabalho. E isso quando você encontra um trabalho que te aceite, porque o que tem na mente da sociedade é que a pessoa gorda ela não se ama, então ela é incapaz. Isso é uma violência institucional. Um gordo quando vai para consulta médica, eles nem olham para a gente, detectou que é gordo a primeira coisa que diz é “você tem que emagrecer”, [...] “tão nova e tão gorda assim?”. [...] Isso aconteceu comigo e acontece com muitas meninas.

J. deu exemplo de uma amiga que tinha o sonho de ser mãe e ouviu de um médico que nunca seria mãe por ser gorda mesmo sem ter passado nenhum exame. O preconceito sofrido interferiu na relação com o esposo que passou também a ser gordofóbico do jeito sutil “te amo do jeito que você é, mas emagreça”, por causa da fala de uma autoridade médica, abriu a possibilidade de transtorno alimentar além do estímulo da indústria de emagrecimento: “[...] compra tal marca, tome tal isso, essa cápsula milagrosa. Essa rede está crescendo no mundo e são milhares de meninas e mulheres que estão adquirindo doenças que não tinham por conta dessas coisas”. J. continua:

Durante toda construção da sociedade houveram mudanças, houve um tempo em que pessoas gordas eram sinônimo de fartura, riqueza, beleza, poder. Uma mulher gorda era uma mulher que daria filhos fortes, saudáveis. Isso tudo foi mudando, a cabeça das pessoas detentoras de poder e opinião mudam e o resto precisa acompanhar, quem não acompanha fica para trás e fica sendo desmerecedor de alguma coisa. É isso que aconteceu muito com o corpo e principalmente com o corpo feminino. [...] Desde a criação até a fase adulta você não é dona do seu corpo. [...] É uma violência disfarçada de cuidado, de carinho, de amor, mas não é carinho, não é amor e nem cuidado, é violência, porque está querendo me anular, anular minha existência, está querendo

anular minhas escolhas, minhas decisões, está querendo impor regras para o meu corpo, então isso não é cuidado não, isso não é só uma dica. [...] dica se dá a quem pede, opinião a gente só dá quando a gente é solicitado.

Nas palavras de D., gordofobia é:

Acima de tudo é uma coisa bem estrutural sabe? E cruel também, porque atrela vários sentidos da pessoa, ele não faz só com que você se sinta feia por você ser uma pessoa gorda ou por você não se encaixar na sociedade. É uma estrutura total que não deixa você estar nos espaços, você não cabe numa cadeira, você não recebe tal emprego, você não cabe numa roupa, você não pode andar na rua, as pessoas te abordam pensando “em sua saúde”. É uma coisa terrível. E que tem que ser desconstruída de todo jeito como as outras mazelas da sociedade, como racismo, como lgbtfobia.

Uma das importantes questões dentro da gordofobia é o que se chama de gordofobia médica. Depois da atenção em controle de peso, além da nutrição se intensificar no século XX em combate à “obesidade” e esta ser vista como excesso alimentar e falta de controle (culpabilizando o sujeito), muitas das ações voltadas para perda de peso tornaram-se prejudiciais e em prol de um ideal de beleza inalcançável. Ao procurar um médico porque possui qualquer tipo de problema, primeiramente a pessoa gorda é avaliada por ser gorda tornando o acesso à saúde daquela pessoa ineficaz, visto que nem toda pessoa gorda é doente por ser gorda. Esse modo de ação da medicina moderna pauta-se no Índice de Massa Corporal, que calcula massa corporal dividido pela altura ao quadrado, caracterizando assim as pessoas em risco de comorbidade por baixo peso, peso normal, sobrepeso, pré-obeso, obeso I, obeso II e obeso III. Porém, o IMC vem recebendo críticas quanto à eficácia em determinar a saúde de pessoas de acordo com o peso.

Rangel (2018) aponta a influência de *lobbies* alimentícios e farmacêuticos sobre as pesquisas acadêmicas relacionadas aos “males da obesidade”. Estes têm o intuito de promover alimentos industrializados dietéticos e remédios pró-emagrecimento. Também torna duvidosa a credibilidade da OMS (Organização Mundial da Saúde) em torno dos estudos sobre gordura corporal na medida em que estes são financiados por lobistas que fazem parte da própria OMS. Rangel ainda cita que até a ABESO (Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica) aponta as contradições do IMC como medidor de comorbidades ou grau de saúde das pessoas gordas.<sup>7</sup>

Na entrevista realizada com D., ficou claro que desde muito nova ela sofre com essa questão. Depois de mais velha quando foi parir seus filhos, ela descreve:

---

<sup>7</sup> <https://abeso.org.br/imc-e-a-melhor-medida-para-diagnostico-da-obesidade/>

A questão da gordofobia médica a gente sempre passa né? Desde de criança eu passo pelo processo de gordofobia médica. [...] quando fiquei grávida do meu primeiro filho eu fiquei com pressão alta gestacional e o processo é porque tenho ovário policístico, aí tive uma gestação bem complicada. Aí todo processo eles relacionavam ao meu peso, eles nunca tinham uma resposta pra nada e sempre relacionavam minha pressão alta ao meu peso, não faziam exames e não faziam nada direito. O exame que fiz na infância eu tive que fazer na gravidez, e tive que refazer toda a bateria de exames porque quando o médico recebeu meu exame de glicose e deram baixo, normal, ele mandou refazer porque ele disse que não acreditava que uma mulher com mais de 100kg tinha aquela glicose daquele jeito, aí eu fui e refiz os exames. Isso aconteceu também na gravidez do meu outro filho. Sempre tendo que refazer os exames, eu tenho três filhos e é sempre esse processo. Quando a gente chega no hospital pra parir é uma má vontade muito grande. Quando a gente chega lá eles querem obrigar a gente a andar de cadeira de rodas, e aí o pessoal que trabalha lá, os maqueiros, tratam muito mal [ela ouviu] “da próxima vez que vier parir perca uns kg porque a gente não tem obrigação de estar carregando a senhora não”, essas coisas assim que a gente passa, morrendo de dor, mas se eu cheguei ali andando eu conseguia ir andando, não precisava que aquele cara tivesse me carregando. E é bem complicado, os médicos sempre batem naquela tecla, acho que a gordofobia médica sempre vem cruzando as nossas vidas.

Comentou também sobre a pediatra dos filhos dela e sobre um dos filhos ter sofrido gordofobia médica no tangente a questão da relação entre uma pessoa ser gorda e automaticamente ser vista como doente. Comentou que escutou da médica que ela mesma tinha que emagrecer para poder criar o filho. Esta passou uma dieta altamente restritiva e prejudicial para a criança, mesmo sabendo de um histórico grave de anemia que ele teve quando pequeno. Fica claro então que esse emagrecimento forçado priorizado pela fala médica moderna por vezes tem muito mais a ver com a questão da pressão estética em nível estrutural e sistêmico e consequentemente com a gordofobia naturalizada.

De acordo com Naomi Wolf (2020), levando em conta uma perspectiva feminista, o mito da beleza combateu as novas liberdades das mulheres transpondo diretamente para o corpo limites sociais antes impostos à mente. “As falhas da carne feminina substituem as antigas falhas da mente feminina.” (p. 389). No que tange aos homens, a autora adverte que a questão está menos embasada em um revide cultural e mais em uma simples oportunidade de mercado.

Quanto à revide cultural, pode-se entender o esforço da estrutura patriarcal da sociedade em barrar progressos obtidos através da luta feminista. Em meados de 1990 quando o livro foi escrito, os meios de comunicação repetiam que as jovens rejeitavam o feminismo e que todas as batalhas já tinham sido ganhas, porém, algumas delas só haviam sido internalizadas. Apesar de não se importarem em ser “perfeitas” donas de casa, as jovens da época sofriam a obsessão pela perfeição física em comparação com modelos de moda e estrelas de cinema. Segundo Wolf, um ciclo de inanição compulsiva, exercícios compulsivos e transtornos alimentares. “A cada geração em que houvesse um forte avanço por parte das mulheres, algum ideal surgia para sugar as energias e assim garantir que elas não progredissem mais.” (2020, p. 10) Hoje, a

dismorfia<sup>8</sup> e obsessão por exercícios têm sido cada vez maiores e isso se comprova com o aumento da procura e investimento tanto no setor de cirurgias plásticas quanto de academias.

Para Wolf, os ideais provêm de algum lugar e servem a um propósito que costuma ser de ordem financeira, “o de aumentar os lucros daqueles anunciantes cujos dólares de patrocínio na realidade movimentavam a mídia, que, por sua vez, criava os ideais.” (2020, p. 16) Esse ideal também serve a um fim político. “Quanto mais fortes as mulheres se tornassem em termos políticos, maior seria o peso do ideal de beleza sobre seus ombros, principalmente para desviar sua energia e solapar seu desenvolvimento” (2020, p. 16)

Isso significa dizer que a beleza então é um sistema monetário determinado pela política e na era moderna consiste no melhor recurso de crença para manter intacto o domínio masculino sobre o feminino. Ao atribuir valores às mulheres dentro de uma hierarquia vertical de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, exacerba-se as relações de poder onde as mulheres precisam competir por recursos que os homens possuem.

Wolf (2020) diz que o mito da beleza não se importa nem um pouco com peso das mulheres ou com a textura do cabelo nem a maciez da pele:

Da mesma forma que o mito da beleza realmente não se importava com nossa aparência desde que nos sentíssemos feias, nós devemos nos certificar de que nossa aparência não tenha a menor importância desde que nos sintamos bonitas. A verdadeira questão não tem a ver com o fato de nós mulheres usarmos maquiagem ou não, ganharmos peso ou não, nos submetermos a cirurgias ou as evitarmos, nos trajarmos com esmero ou não, transformarmos nosso corpo, rosto e nossas roupas em obras de arte ou ignorarmos totalmente os enfeites. O verdadeiro problema é nossa falta de opção. (2020, p. 391)

Trazendo essa discussão para a questão desta pesquisa, a beleza dentro dos coletivos estudados caminha no sentido da pluralidade de aparência física e aceitação de si no sentido de ser livre para ser quem quiser ser. Ter o direito de escolher mudar por si ou se sentir confortável sendo quem é e não cedendo à pressão da estigmatização do diferente. A beleza, para elas, acaba tomando um lugar secundário nas pautas, pois segundo J.:

[...] quando a gente se limita só a essa coisa relacionada a beleza, só o que é belo e o que não é, é muito raso. É estrutural, tem que ter políticas públicas, tem que ter direcionamento sim pra população gorda e que não é uma população pequena. Nós somos maioria. Mas a sociedade é construída para outro grupo de pessoas, o gordo é como se não se encaixasse, o gordo tem que emagrecer pra se encaixar e isso é muito violento. [...] Eu sempre digo às meninas [...] não é só sobre isso [beleza, moda], a pessoa que é bela gorda ou bela magra. [...] é muito além disso a nossa luta, o requerimento e as necessidades são maiores, é uma questão de conscientização política, de conscientização social, de você se ver como cidadão, de ser valorizado como cidadão, de se fazer valer, de estar por dentro das leis para reivindicar e não só

---

<sup>8</sup> Distúrbio que se caracteriza pela obsessão que determinada pessoa desenvolve por sua aparência e faz com que o indivíduo se incomode profundamente com defeitos imaginários ou características de seu corpo.

reclamar de boca [...]. É um problema estrutural, de construção política, de direitos civis.

Dentro do contexto estudado, ser uma pessoa gorda nesta sociedade é algo para ser combatido. Pessoas gordas passam por diversas situações humilhantes e degradantes devido a um ideal de beleza e estilo de vida propagado desde meados do século XX. Esse estigma caracteriza-se pela desaprovação e repúdio da gordura corporal em detrimento de uma cultura da magreza. De acordo com Erving Goffman (2021), a sociedade estabelece meios de categorizar pessoas e atributos considerados comuns para os indivíduos que fazem parte dessas categorias, então por indivíduos estigmatizados, entende-se por aqueles que não correspondem às expectativas de normalidade determinadas dentro dessas categorias.

Ao possuírem características que diferem das tidas como normais, Goffman (2021) afirma que essas pessoas deixam de serem consideradas comuns e totais através do descrédito e são reduzidas a pessoas estragadas e diminuídas, havendo então uma desumanização do indivíduo. Ele reforça que o termo estigma é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que dá força ao fenômeno é a linguagem de relações. (p.12-13)

Essa desumanização afeta diretamente o processo identitário das pessoas gordas, segundo Butler (2002) apud Rangel (2018), “sendo os corpos gordos considerados em uma categoria abaixo da do ser humano, tendo identidades deterioradas. São considerados corpos abjetos, corpos que são sistematicamente excluídos, considerados corpos que não deveriam existir e que não têm uma vida considerada legítima” (p.97). O ativismo gordo surgiu justamente da necessidade de humanização dessas pessoas e seus corpos, com a urgência de que a estrutura social seja pensada levando em consideração essas vidas.

#### **4.3 NOVAS IDENTIDADES E MILITÂNCIAS**

Dentro do contexto de movimentos sociais, que seguem tendo papel e contribuição com importância presente nos cenários de conflitos sociais e políticos da atualidade, a reação às opressões e o uso de diversas ferramentas trazidas pelo desenvolvimento da tecnologia é a continuação da história dos movimentos e a possibilidade de surgimento de novos. Maria da Glória Gohn (2013) define esses movimentos como ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam diferentes formas das pessoas se organizarem e expressarem suas demandas (p. 13). Atualmente, eles atuam principalmente por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais, além de utilizarem muito a internet.

O fenômeno das redes tem papel significativo na estruturação dos movimentos atuais tanto por proporcionar uma maior mobilização e organização social, quanto uma melhor análise

da realidade social, segundo Gohn:

As redes são estruturas da sociedade contemporânea globalizada e informatizada. Elas se referem a um tipo de relação social, atuam segundo objetivos estratégicos e produzem articulações com resultados relevantes para os movimentos sociais e para a sociedade civil em geral. (2013, p. 15)

As redes são caracterizadas, segundo Manuel Castells (2013), como movimentos conectados em redes multiformes, sem centro identificado, ligados à internet, sem liderança formal, possuem alcance global, são movimentos geralmente espontâneos em sua origem, virais, marcados pela indignação e esperança, pretendem transformar o Estado e não possuí-lo ou derrubá-lo e por fim só se legitimam enquanto movimento quando saem para as ruas.

Além disso, segundo Ilse Scherer-Warren (1996), o fenômeno das redes e seu desenvolvimento na atualidade deve ser entendido como um processo de avanço dos movimentos sociais, sobretudo na década de 1990. Este apresenta três dimensões: a solidariedade local e planetária; o fortalecimento dos próprios movimentos sociais e da sociedade civil e a ampliação da legitimidade de suas demandas e de sua própria existência. Para ela, estruturar-se em termos de rede de movimentos é buscar formas de articulação entre local e global, particular e universal, nas interlocuções das identidades das pessoas frente ao pluralismo. No caso do Brasil, cita Scherer-Warren: “parece-me particularmente importante estudar as redes que vêm sendo estabelecidas entre organizações populares e outros movimentos culturais e políticos”. (1996, p. 116)

Os movimentos que lutam contra a uniformização dos corpos tangem os movimentos feministas e os que reivindicam multiplicidade identitária, segundo Rangel, característica da pós-modernidade e em especial de grupos identitários excluídos e invisibilizados socialmente. (2018, p.48). Nos EUA, um dos marcos do ativismo gordo foi a criação da NAAFA - National Association to Advance Fat Acceptance (Associação Nacional para o avanço da aceitação da gordura/ dos(as) gordos(as) em 1969) que continua em funcionamento até os dias atuais.

No Brasil, o movimento gordo se organiza principalmente pela internet através de redes sociais tais como blogs, Facebook, Instagram e Youtube. É através desses espaços que se estabelece não só a comunicação entre os ativistas (de todo o mundo), como as discussões e deliberações que tangem o movimento. O que nos alude à questão do ciberativismo que, de acordo com Lígia Alcântara, é um fenômeno mais abrangente na ação coletiva contemporânea e nas práticas dos movimentos sociais:

Sugerimos assim que o ciberativismo pode ser compreendido como uma nova configuração comunicativa dos movimentos sociais, marcada pela reestruturação das práticas cotidianas de comunicação, por interações sociais mediadas pelas NTICs e



pela conexão digital entre indivíduos, grupos e sociedade. Esse novo padrão comunicativo implica a geração de novas dinâmicas de confronto, temporalidades e espacialidades para a ação coletiva contemporânea, bem como de subjetividades políticas. (2015, p. 92-93)

Entende-se que o sentimento de pertença a um determinado grupo é o que propicia a aceitação da identidade tida como anormal ou desviante. Segundo Rangel (2018), o grupo de pessoas gordas não tem regras formais, mas os ativistas gordos criam conceitos que estabelecem um senso comum do que deve e o que não deve ser perpetuado, a diferenciação entre pressão estética e gordofobia é um exemplo. Também é importante ressaltar que:

[...] apesar de terem essa causa em comum, as/os ativistas gordas/os pertencem a muitos outros grupos, sendo heterogêneos em relação a posicionamento político (esquerda, centro, direita e suas variações) bem como níveis de engajamento com o ativismo e em diferentes graus de conhecimento sobre a militância gorda. (RANGEL, 2018, p. 65).

Durante as entrevistas realizadas, foi perguntado como surgiu a ideia de fundar os coletivos. Ambas as coordenadoras já estavam envolvidas no universo da moda *plus size*<sup>9</sup>. Rangel (2018) comenta que esse universo por vezes se torna a porta de entrada para a questão do ativismo gordo, visto que são através desses eventos de moda que os ativistas se conhecem pessoalmente. Estes, podem ser considerados como componentes do ativismo à medida que proporcionam uma acessibilidade a roupas de manequim de pessoas maiores. Da mesma forma, segundo ela, “concentra pessoas gordas no mesmo lugar não apenas com o intuito de consumir, mas também no intuito de socialização, diálogo e conhecimento.” (p. 70)

As raízes do ativismo gordo brasileiro, ainda de acordo com Rangel (2018), estão intimamente ligadas ao mercado *plus size* de roupas e às redes sociais na internet. Apesar disso, há uma importante diferenciação dessas esferas pelos ativistas que fica claro na fala de D. quando diz que se interessava por questões da luta contra padrão estético e há uns anos atrás conheceu a moda *plus size* e o termo gordofobia em si. Conheceu também Maga Moura, que é um dos principais nomes quando se fala de questões *plus size* e ativismo gordo no estado de Pernambuco. Depois que entrou para esse mundo, percebeu que esse universo por si só não era o mais importante:

[...] não adianta estar ali, se vestir, ficar lindíssima, com uma roupa massa e continuar com a vida que você tem e se adequar aos padrões, porque de qualquer forma a modelo *plus size* ela é adequada aos padrões. Por exemplo, se for ricaça [...] vai montar a própria marca e fazer o que quiser, mas se você não for super rica e tal, você vai ter que entrar em um padrão adequado para ser uma modelo *plus size* e atuar naquilo ali.

---

<sup>9</sup> Termo usado para definir roupas com modelos acima do padrão comercializado nas lojas varejistas. Também usado para definir modelos gordas que fazem parte do universo da moda. Em português: “tamanho maior”.

Comenta também que sempre quis trabalhar com ação social. No nascimento do segundo filho enfrentou uma depressão muito forte e enquanto recebia orientação profissional, recebeu o conselho de uma psicóloga para fazer algo que prendesse a mente naquilo e que conseguisse misturar coisas de que precisava. Então ela pensou no desejo de ajudar mais as pessoas e não só isso, ajudar pessoas e mulheres gordas a se libertarem desse padrão por ser algo que a atinge muito desde a infância. Em outubro de 2018 foi convidada para um ensaio fotográfico, gostou muito, mas queria ir além. Pensou para o final deste mesmo ano um desfile solidário pedindo 1kg de alimento como forma de participação. Várias pessoas abraçaram a ideia, conseguiram fazer cestas básicas e doar para pessoas carentes de Camaragibe, cidade onde reside, e na Caxangá, bairro divisa entre Recife e Camaragibe. A partir disso nasceu o coletivo *Gorda Sim*, que faz trabalhos em toda região metropolitana, mas a maioria dos eventos acaba sendo em Camaragibe pela facilidade de articulação.

Para ela, ao que se refere à notoriedade do coletivo que fundou com a ajuda da mãe e da irmã e faz parte juntamente com 25 mulheres<sup>10</sup>:

A importância para mim é esse fazer o bem a outras pessoas e mostrar às outras pessoas que a gente pode fazer o que a gente quiser. E também a informação que a gente consegue passar pra essas pessoas [...] a importância do coletivo é ajudar, informar e enaltecer as mulheres e principalmente as mulheres gordas. E acho que para as pessoas, para as meninas, o que serve para elas é justamente isso, para informar elas, para levantar a autoestima delas.

No *Gorda Sim*, realiza-se reuniões mensais com as mulheres para conversar sobre pautas e ideias para se fazer em coletivo. Encontram-se sempre em locais públicos. Mas nesse período pandêmico, encontram-se virtualmente, promovem *lives* e concursos de beleza online. Tentam fazer sempre eventos que evidenciam alguma pauta importante daquele mês, trazem elementos culturais regionais para os eventos, fazem desfiles de moda, rodas de ciranda, poesia. Quando não tem nenhuma comemoração no mês, promovem concursos de beleza para arrecadar comidas e produtos para pessoas em vulnerabilidade social.

D. comenta que geralmente costuma levar um tema para as reuniões e trazer alguém que tenha experiência com aquele tema; a partir disso, dá espaço para as meninas falarem sobre o que foi proposto e termina com a fala da especialista. Nesses encontros também é feita a prestação de contas do coletivo, pois cada menina dá R\$5 mensais e 1kg de alimento. Também tem os dias de doar o que foi arrecadado, por enquanto não visitaram ainda lares de idosos, mas

---

<sup>10</sup> Segundo D, esse é um número flutuante, pois tem pessoas que entram no coletivo com o intuito de fazer a questão da moda como uma vitrine, uma vez que há vários desfiles e fácil articulação com pessoas deste universo, o que ela destaca ser válido também, mas sempre há uma conversa para que a pessoa se envolva nas questões sociais; por consequência algumas acabam optando por sair do coletivo.

ela ressalta que os lares de crianças dos quais visitaram, tiveram a oportunidade de conversar e esclarecer dúvidas, falar sobre os processos de aceitação do outro e de auto aceitação e inclusive várias crianças gordas se identificaram e puderam se sentir mais acolhidas.

O *Sou Plus PE*, segundo J., surgiu pelo seu interesse na moda. Há três anos foi convidada para uma reunião de mulheres gordas sobre empoderamento e surgiu a ideia de desfilarmos. Se aproximou desse universo, participou dos desfiles, mas viu, assim como D., que os desfiles acabavam, as meninas tiravam as maquiagens, devolviam as roupas para as lojas e voltavam para casa e se sentiam comuns novamente. Enxergou que o problema era muito maior e as meninas precisavam de um cuidado maior, acompanhamento de profissionais e aquele momento do desfile em si não era suficiente. Se afastou das questões da moda, mas ganhou muitas amizades. Continuou fazendo muitas escutas e dando suporte para algumas meninas até pela formação em assistência social. Junto à Maga Moura, surgiu a ideia de formar um movimento voltado não só para moda e beleza feminina, mas também para dar apoio às integrantes junto com outros profissionais de saúde mental e física. Foi juntando parcerias, amigos e assim surgiu o coletivo.

Todos os meses são realizados encontros, desde 2018, no último domingo do mês pela manhã ou pela tarde em algum local público ou privado. Por causa da pandemia, os encontros foram suspensos. Nos encontros sempre acontecem rodas de diálogos, ainda que seja marcado um ensaio fotográfico, desfile para loja ou trabalho para contratar alguma menina, elas sempre têm uma conversa antes para fortalecer umas às outras. O coletivo conta com uma psicóloga, um educador físico, assistente social, empreendedoras, sempre que possível entram em contato com outros profissionais para darem palestra para as meninas. Existe o cuidado também de selecionar a dedo o profissional que será convidado, para não correr o risco de chamar profissionais gordofóbicos ou que preguem o emagrecimento forçado. É preciso chamar profissionais que entendam e sejam sensíveis à causa do movimento. Sobre papéis e importância do coletivo, J. complementa:

Um dos papéis principais é dela [mulher] se empoderar. O empoderamento é o conhecimento de si mesmo. Eu costumo dizer que uma mulher empoderada é uma mulher que se conhece, uma mulher segura, que sabe onde quer chegar ou sabe onde está e toma as rédeas da situação, da sua vida. Ela é conhecedora dos direitos dela em todos os sentidos, mas do direito principal que é o direito de ser feliz. E ela não pode permitir que nada atrapalhe isso, porque uma mulher feliz [...] Não é nada fácil, não é uma conversa, não é um encontro que vai ligar a chavezinha e a pessoa vai ficar bem. [...] Mas nós somos mulheres e somos seres humanos [...] não é só sobre a estética, isso não é nada, porque tudo isso se vai, mas se a nossa mente e nossos sentimentos não estiverem bem, não adianta. [...] O movimento *Sou Plus PE* não é sobre a satisfação porque isso é muito pessoal e relativo, a gente não tem quer botar na cabeça de ninguém “se aceite, se ame do jeito que você está, não mude nada, não altere nada”,

não é sobre isso. Eu posso daqui há um tempo mudar de ideia e querer ficar magra, eu posso, você pode, qualquer um pode tomar essa decisão, o que eu espero do coração é que se essa decisão, se ela chegar, que essa ideia se ela surgir seja de você, venha por você e seja para você, não seja por ninguém e para ninguém. E isso é o amor próprio, eu querer me agradar, eu querer me sentir bem e eu cuidar de mim por mim.

Por fim, as últimas perguntas se referiram a como as entrevistadas achavam que ocorria o processo de auto aceitação e da aceitação da pauta por pessoas não-gordas. Partindo da perspectiva do micro ao macro, o primeiro do processo de reconstrução identitária é justamente a autoaceitação, é a partir dela que se tem noção do seu espaço no mundo. A partir disto então, estrutura-se as conexões com iguais. Os coletivos surgem no sentido de trabalhar na sociedade essa aceitação, denunciar as discrepâncias e injustiças sociais afim de que ela seja capaz de funcionar em equidade. Quanto à autoaceitação, D. afirma que é:

Processo diário e tem que vir de dentro, se tiver ajuda, melhor. Se tiver uma família que apoie, se tiver amigos, parceiros para dar apoio, melhor. É importante buscar conteúdo, consumir conteúdo de pessoas mais parecidas com a gente, isso faz com que a gente se aceite melhor. Não é todo dia, mas o ponta pé é querer. O coletivo, por exemplo, é importante, porque são pessoas com várias vivências diferentes, mas que tem uma coisa em comum. Cercar-se de pessoas parecidas com a gente é importante porque gera uma discussão legal, tem como se agregar e continuar apoiando uma à outra a se aceitar.

Para J., na auto aceitação:

Não existe uma alavanca que a pessoa ative e pronto, é um processo. Por exemplo, eu tenho 40 anos, vamos supor que 30, 35, 38 anos da minha vida, eu passei naquela vivência daquele sistema de que meu corpo é feio, de que eu sou feia, de que eu não me encaixo, de que o problema sou eu, de que o problema está comigo, então passou-se anos da sua vida nessa vivência, não é um ano, não é em dois, não é em três que isso vai mudar. Você assiste uma TV e não vê seu corpo como referência boa, não tem. E quando entra um corpo gordo como referência rapidamente cuida-se para que esse corpo mude, então o artista vai lá e faz uma bariátrica, ele vai logo para um spa, ele vai logo tratar para fazer mais sucesso, é isso que acontece. Então a gente passa anos sem referência boa sobre o que se refere a nossa estrutura corporal. [...] Para entrar na cabeça da pessoa que você é uma referência de si mesmo você tem que se ter como referência, você não tem que seguir nenhuma capa de revista nem blog, você tem que ter você como referência e é muito difícil. Você quer subir e tem um peso botando você para baixo o tempo todo, essa é uma luta muito covarde e muito injusta. É uma luta que tem que ser vencida dentro de nós porque há mil fatores externos o tempo todo te dizendo o contrário sobre você mesma. [...] É uma luta, mas é uma construção que tem que ser contínua, o importante é não parar.

D. conclui falando sobre a importância de explicar as diferenças humanas para as crianças, do quanto é importante desconstruir certos assuntos para que possamos ser capazes de construir uma sociedade mais coerente, mais legal e que deixem as pessoas viverem em paz. “O maior caminho é a educação e o fato de revidar, claro que não dá para ser 24h porque somos humanos, mas é importante demonstrar sempre que o que está errado não somos nós.”

A audiência pública realizada no dia 09 de junho de 2021 tendo como pauta a gordofobia

foi transmitida pelo Youtube no canal da Câmara Municipal de Recife, J. não participou, mas ressaltou que é necessário observar os grupos que participam das audiências, pois existe um nicho dentro da moda *plus size* em Pernambuco que vende um ideal de empoderamento através de uma padronização de beleza para garotas gordas que almejam entrar na carreira de modelo, o que vai de encontro à questão do ativismo gordo, pois segundo J “reforça a criação de um modelo de corpo dentro de uma causa que se luta para não ter padrão”.

D. participou através do link oficial da reunião, mas por problemas na conexão da internet, acabou não tendo momento de fala, apesar disso, ela concluiu que foi muito pertinente, comemorou o fato desse tema estar sendo abordado na esfera política, mas comenta que teve ressalvas, tais como nomenclaturas usadas e pessoas que participaram. Quando perguntada se outros militantes gordos tiveram espaço de fala, D. comenta que sim, de estilistas a professoras, diversas pessoas militantes e simpatizantes da causa puderam falar. A respeito de pessoas que não deveriam estar na audiência, D. assemelha seu discurso ao de J. comentando sobre o nicho dentro da questão da moda *plus size* pernambucana já comentado acima.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das questões abordadas, é correto afirmar que a gordofobia é um fenômeno que atrapalha diretamente a construção da autoimagem da pessoa gorda, da forma como ela se enxerga e se porta no mundo. Dentro dessa perspectiva, foi possível ter uma resposta positiva quanto aos objetivos e hipótese do trabalho.

O ativismo gordo nasceu da necessidade de humanização e integração de pessoas gordas na dinâmica social e o processo de reconstrução identitária dessas pessoas começa sendo trabalhado dentro dos coletivos a partir do empoderamento e da autoaceitação. Ainda que o ativismo gordo vá além dessa questão, a autoaceitação se torna o primeiro passo, pois é no reconhecimento do próprio espaço no mundo e identificação com iguais que surge o senso de justiça e necessidade de lutar por direitos.

Os dois coletivos, fundados em meados de 2018, compartilham semelhanças quanto ao desejo de criar um ambiente confortável de troca de experiências e informações sobre mulheres e pessoas gordas em geral, uma rede de apoio, de suporte e disseminação de conhecimento. Ainda que haja atuações e ações que se diferem um pouco quanto ao planejamento e execução, o objetivo dos dois grupos acaba sendo parecido, o empoderamento da mulher, especialmente da mulher gorda e a disseminação de informações sobre esse grupo de pessoas a fim de que a

identidade negativa e cheia de estereótipos, que há tempos vêm sendo instigada e reproduzida na sociedade, seja transformada.

O uso das ferramentas cibernéticas tais quais a internet e as redes sociais se faz, de fato, extremamente presente no cotidiano dos dois coletivos e é o maior meio de disseminação das ideias, lições e experiências de ambos, para além é claro dos encontros presenciais que tiveram que ser suspensos por causa do período pandêmico vivido no país.

O processo de reconstrução identitária é um fenômeno que ocorre tanto no âmbito virtual através do ciberativismo gordo e seu diálogo para com outros movimentos de pauta identitária, tanto nos encontros dos coletivos através de dinâmicas que visam instigar a autoaceitação, criando uma rede de apoio e fortalecimento entre essas mulheres.

Os coletivos aqui citados trabalham sistematicamente com a produção e perpetuação de informações sobre a gordofobia e lutam pela politização da pauta, ou seja, a presença dela na esfera política. Seus esforços têm dado resultado, uma vez que como já citado neste trabalho, já existem em tramitação no estado de Pernambuco projetos de leis referentes à gordofobia e ao direito da pessoa gorda.

## 6. REFERÊNCIAS

- ARRAES, J. **Gordofobia como questão política e feminista**. 2014. Disponível em <<https://tinyurl.com/p2zmepwc>> Acesso em: 2 de dezembro de 2018.
- ALVAREZ, S. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 43, p. 13-56, 2014.
- ENNES, M. A.; MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 274-305, 2014.
- GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2021.
- GOHN, M. da G. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LANA, L. C. de C. VIGARELLO, G. Les métamorphoses du gras: histoire de l'obésité. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 12, n. 28, p. 187-190, 2011.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LOURO, G L. Gênero e sexualidade. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), 2008.
- RANGEL, N. F. A. A emergência do ativismo gordo no Brasil. **Seminário Internacional Fazendo Gênero / 11 & 13th Women's Worlds Congress**. Florianópolis, 2017a. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u5bdyph8>>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - UFSC, Santa Catarina, 2017b.
- \_\_\_\_\_. **O ativismo gordo em campo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2018.
- RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 5, n. 6, p. 80-90, 2005.
- SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola. 1996.
- \_\_\_\_\_. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.
- WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2020.